

Finanças e informação em São Paulo: o mercado de capitais e o circuito da informação financeira

André Buonani Pasti

✉ andre@pasti.art.br

IG/UNICAMP

Palavras-chave: finanças, informação, São Paulo

O atual período da globalização é marcado por uma importância crescente da informação e pela ascensão e mundialização das finanças. A globalização financeira se impõe hoje no mundo e caracteriza mudanças profundas nos territórios nacionais, na medida em que contribui para amplificar os fluxos e as influências dominantes. Dessa forma, interessa à análise geográfica, particularmente aos estudos urbanos (BÉTEILLE, 1991, p. 10). No período histórico atual há também uma mutação “revolucionária para toda a humanidade”, a revolução informacional (LOJKINE, 2002, p. 11), quando a informação emerge como elemento que organiza novos contextos socioterritoriais, e “as novas atividades produtoras de informação, agrupadas no setor quaternário da economia, são centrais à elaboração e coordenação das múltiplas redes planetárias” (SILVA, 2001, p. 6).

Entre essas redes financeiras e informacionais se dá o funcionamento do mercado de capitais mundializado. A cidade de São Paulo desponta como um dos centros nevrálgicos desse mercado de capitais, com bases técnicas, científicas e informacionais de apoio.

São Paulo viu erguer-se sua bolsa de valores, a Bovespa, em 23 de agosto de 1890, na área historicamente central da cidade (LEMOS, 2004, p. 109). Mas, é especialmente após a Segunda Guerra Mundial que esta cidade, tornada metrópole, tem seus contatos com

o mundo e o Brasil intensificados. Contatos estes que são revigorados especialmente na década de 1990, pois São Paulo torna-se conexão privilegiada das redes globais no Brasil. Assim, é volumosa a circulação de informações, mensagens, pessoas e mercadorias a partir de São Paulo nos últimos anos (SILVA, 2001, p. 168).

Atualmente, a concentração de empresas de serviços financeiros e bolsas de valores em centros financeiros como o paulistano seria explicada, em parte, pelo compartilhamento de infraestrutura de telecomunicações e presença de serviços avançados (WÓJCIK, 2007, p. 202). Segundo Santos (2009b [1994], p. 15), São Paulo teve a base industrial como alicerce para se tornar, hoje, uma cidade informacional, centro internacional de serviços avançados.

São Paulo monopoliza, hoje, toda a negociação de ações do país através da BM&FBovespa, instituição resultante da fusão das bolsas paulistanas Bovespa e BM&F. Além da bolsa, corretoras (e bancos que possuem corretoras), agências de classificação de risco (*rating*), empresas de informação financeira e outros agentes globais e nacionais desse mercado instalaram-se na cidade.

E qual é o projeto das instituições ligadas ao mercado financeiro para a cidade de São Paulo? Em 2010 algumas dessas instituições, comandadas por BM&FBovespa, ANBIMA¹ e FEBRABAN², associaram-se e criaram a BRAiN (Brasil Investimentos e Negócios), associação que comandará a partir de agora o projeto de tornar o Brasil, através de São Paulo, um centro financeiro internacional com atuação especialmente na América Latina, sob objetivo de centralizar na metrópole paulistana toda a gestão e negociação dos ativos latinoamericanos (BRAIN, 2010).

Há uma reorganização da cidade para abrigar esse comando do mercado de capitais brasileiro, tanto nas relações com a rede urbana brasileira e mundial quanto na escala intraurbana. Em nossa pesquisa buscamos investigar essas mudanças, e também as transformações técnicas e normativas que viabilizaram a centralização do mercado de capitais em São Paulo. Por fim, considerando a importância da variável informação nessa

¹ Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais.

² Federação Brasileira de Bancos.

reorganização, com esse mercado de capitais cada vez mais informatizado e informacional, buscamos compreender o novo circuito de produção e distribuição da informação financeira que se instala em São Paulo.

São Paulo se coloca no comando das ações hegemônicas do período atual no território brasileiro. Esse comando na dinâmica espacial brasileira se dá hoje especialmente em função de suas atividades quaternárias de criação e controle, pois “agora são os fluxos de informação que hierarquizam o espaço urbano” (SANTOS, 2009b [1994], p. 38). Consideramos, conforme Raffestin (1993), que o dinheiro é também uma das formas de informação, já que ele circula, buscando ser materializado, e comunica, pois também é um sinal, uma ordem.

Um conjunto de transformações técnicas, dentre as quais destacam-se as novas tecnologias da informação, viabilizou uma nova organização territorial do mercado de capitais brasileiro: de bolsas de valores regionais que negociavam ativos de empresas locais no pregão ao vivo, à atual hegemonia de São Paulo, que a partir das redes de informação e desenvolvimento do pregão eletrônico passou a centralizar a negociação de ações até incorporar as demais bolsas em 2000, monopolizando este mercado.

Atualmente, as tecnologias da informação são imprescindíveis para o funcionamento do mercado de capitais, pois viabilizam o tempo real e, assim, a possibilidade da realização de operações instantaneamente em todo o mundo. Há, conseqüentemente, uma expansão do pregão eletrônico em detrimento do pregão ao vivo. O processo de informatização do mercado de capitais brasileiro resulta no fim do pregão ao vivo na Bovespa em 2006 (FERREIRA, 2007, p. 64) e em 2009 na antiga BM&F. Todavia, isso não acaba com a importância dos centros financeiros, cujo valor, conforme Wójcik (2007, p. 220), reside sobretudo na produção e circulação de informações.

A configuração desse mercado de capitais informatizado e informacional no Brasil só foi possível por um conjunto de transformações normativas realizadas a partir do governo militar, que incluíram a estruturação do Sistema Financeiro Nacional e do mercado de capitais, a mudança de caráter das instituições de públicas para privadas, a adoção do modelo norte-americano de organização da bolsa e a adequação da legislação nacional a

normas internacionais.

A partir da hegemonia de São Paulo nesse mercado, o projeto de centro financeiro latino-americano começa a tomar corpo, através do processo de fortalecimento e fusão das bolsas paulistas. Em 2007 elas tornam-se sociedades por ações (S/A), com capital aberto. Assim, surgem a Bovespa Holding S/A e a BM&F S/A, que se fundem em 2008, dando forma à BM&FBovespa S/A Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros, que seria “a terceira maior bolsa do mundo em valor de mercado, a segunda das Américas e a líder no continente latino-americano” (BM&FBOVESPA, 2008).

Internamente à cidade esse abrigo do mercado de capitais acompanha a conformação de três áreas de centralidade no período atual: o centro histórico de São Paulo, refuncionalizado, abrigando ainda algumas das principais instituições financeiras; o “centro Berrini”, nas proximidades da Av. Luiz Carlos Berrini e Marginal Pinheiros, abrigo do setor quaternário (FRÚGOLI JR, 2006 [2000]; SILVA, 2001), incluindo as empresas de informação financeira; e o subcentro da Av. Paulista e imediações. O centro histórico e o centro Berrini interessam especialmente à nossa análise.

Essa reorganização da cidade se dá por meio de disputas e é marcada por políticas urbanas violentas aos pobres urbanos. Entendemos como faces das violências do dinheiro e da informação no atual período da globalização, tratadas por Santos (2000). No caso do centro histórico, destaca-se o projeto de revitalização e “higienização” do centro guiado pela Associação Viva o Centro (da qual participam com destaque as instituições financeiras ali localizadas), expulsando camelôs, pobres e população em situação de rua (FRÚGOLI JR., 2006 [2001], p. 84-112). No caso do centro Berrini, têm destaque as operações urbanas Faria Lima e Água Espraiada, com expulsão de moradores de favela da região para construção de novos empreendimentos imobiliários (FIX, 2001). Em ambos os casos, há um forte e importante papel do poder público associado ao capital hegemônico.

Observamos São Paulo hoje como uma metrópole corporativa e fragmentada (SANTOS, 2009a [1990], p. 106), voltada à solução dos problemas das grandes firmas, com o Estado direcionando recursos para fomentar as atividades hegemônicas em lugar de responder às demandas sociais.

Referências Bibliográficas

- BÉTEILLE, Roger. La révolution boursière internationale. **L'Information Géographique**, Paris, v. 55, nº 1, p. 1-10, 1991.
- BM&FBOVESPA. **Sobre a BM&FBovespa**. [online] Disponível em <<http://bmfbovespa.com.br/portugues/QuemSomos.asp>>. Acesso em 2008.
- BRAIN. **Agenda Estratégica**. [online] Disponível em <<http://brain.clientes.ananke.com.br/site/Agenda.aspx?p=37>> Acesso em 2010.
- FERREIRA, Alcides. **A Força dos Pregões**. São Paulo: BM&F, 2007.
- FIX, Mariana. **Parceiros da exclusão**. São Paulo: Boitempo, 2001.
- FRÚGOLI JR, Heitor. **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole**. São Paulo: Edusp, 2006 [2000].
- LE MOS, Amália I. G.. São Paulo: Metrópole financeira da América do Sul. In: CARLOS, A. F. A.; OLIVEIRA, A. **Geografias de São Paulo: a metrópole do século XXI**. São Paulo: Contexto, 2004.
- LOJKINE, Jean. **A revolução informacional**. São Paulo: Cortez, 2002.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SANTOS, Milton. **Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2009a [1990].
- SANTOS, Milton. **Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2009b [1994].
- SILVA, Adriana Bernardes. **A contemporaneidade de São Paulo: produção de informações e novo uso do território brasileiro**. Tese (Doutorado). FFLCH/USP, São Paulo, 2001.
- WARF, Barney. Telecommunications and the Globalization of Financial Services. **The Professional Geographers**. v. 41, n. 3, pp. 257-271, 1989.
- WÓJCIK, Dariusz. **Geography and the Future of Stock Exchanges: Between Real and Virtual Space**. *Growth and Change*. v. 38, n. 2, jun, 2007.